

SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTO: PRODUÇÃO TEXTUAL DE RESENHAS CRÍTICAS NO CURSO DE ENFERMAGEM

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

Luiz Eduardo Borges Pires

Gabriéli Teixeira de Freitas

RESUMO

Esta atividade de socialização de resenhas críticas - produzidas por acadêmicos da 7ª fase de Enfermagem da Unoesc Xanxerê - objetiva dar visibilidade ao conhecimento construído a partir da esfera da sala de aula: em encontros presenciais e, também, com os desafios impostos pela Covid-19, em aulas on-line, mediadas pela tecnologia, transpondo as paredes da Universidade, ao alcance da comunidade acadêmico-científica. No componente de Produção Textual solicitou-se a leitura de artigos científicos da área de Enfermagem, buscando ampliar o repertório de leitura dos acadêmicos e estabelecer diálogo intertextual com a ementa. A publicação ora proposta contribui com a disseminação do conhecimento produzido na Unoesc e com a qualificação dos acadêmicos deste curso.

Resenha crítica do artigo científico "Práticas integrativas e complementares como recurso de saúde mental na Atenção Básica"

Luiz Eduardo Borges Pires

Jessica Liz da Silva Carvalho e Maria do Perpétuo Socorro de Sousa Nóbrega são autoras do artigo científico que é objeto desta resenha,

intitulado Práticas integrativas e complementares como recurso de saúde mental na Atenção Básica, publicado na Revista Gaúcha de Enfermagem vol.38, n.4, e2017-0014, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472017000400406&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 7 Abril 2020.

Segundo busca no Currículo Lattes, Jessica Liz da Silva Carvalho é graduada em naturologia pela Universidade Anhembi Morumbi (2008), graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário São Camilo (2013), pós-graduada lato sensu em Terapia Floral pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2010), e possui especialização modelo residência em Saúde Mental pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2017); Maria do Perpétuo Socorro de Souza Nóbrega é graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (1992), especialista em Enfermagem Saúde Mental e Psiquiátrica (1995), mestre (2001) e doutora (2007) pela Universidade Federal de São Paulo/Unifesp, possui pós-doutorado (2010) na área de Adições pelo Centre for Addiction and Mental Health (CAMH) – Canadá. Atualmente desenvolve pesquisa em parcerias com pesquisadores internacionais (Escola Superior de Enfermagem, Universidade Fernando Pessoa, Universidade Católica, Escola de enfermagem Santa Maria (Porto, Portugal). Diretora do Centro de Ensino e Pesquisa da ABEn Seção-SP (Gestão: 2016-2019). Diretora do Departamento Científico de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental (DEPSM/ ABEnSP fundado em 2017). Editora-chefe da Revista Paulista de Enfermagem-REPEEn periódico oficial da Associação Brasileira de Enfermagem, Seção São Paulo desde 2018. Diretora Acadêmica da LIGA de Enfermagem em Saúde Mental da EEUSP (LIGAMENTE).

O artigo científico Práticas integrativas e complementares como recurso de saúde mental na Atenção Básica é composto por nove páginas, destas, uma de referências e uma trazendo o resumo do artigo em três idiomas: português, inglês e espanhol. No resumo, já traz breve introdução do objetivo do estudo, o método utilizado para realização, além de apresentar

alguns resultados e a conclusão. O artigo científico é composto por cinco partes, as quais são apresentadas nesta resenha.

A introdução do artigo é composto por 13 parágrafos e inicia-se com a definição do que são Práticas Integrativas Complementares (PIC), informação necessária para que o leitor que não esteja habituado com a temática possa ter conhecimento a fim de compreender do que o estudo trata. As autoras apresentam-nos, ainda, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a qual foi instituída no Brasil no ano de 2006, com objetivo de implantar o uso de práticas como acupuntura, homeopatia, plantas medicinais e fitoterápicas nos serviços de Atenção Básica.

Nas palavras das autoras “É impossível falar de saúde integral sem incluir a Saúde Mental, assim como não há meios de abordar a Saúde Mental sem pensar nos dispositivos relativos ao contexto de vida das pessoas” , nesse contexto, apresentam-nos a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a qual foi instituída no SUS em 2011 por meio da Portaria 3.088, a qual tem a finalidade de ampliar e articular a atenção à saúde de pessoas com sofrimento mental e/ou uso de drogas e álcool. Reconhecendo como importantes, mas não únicas no tratamento de saúde mental, no estudo, as autoras tiveram por objetivo verificar o conhecimento dos profissionais atuantes na Atenção Básica sobre o uso das PICs.

O método utilizado para realização do estudo pelas autoras foi uma questionário com perguntas contendo dados sociodemográficos dos profissionais, questões sobre caracterização e conhecimento do assunto e sobre relativos às PIC e a opinião dos profissionais acerca de sua aplicação no campo de Saúde Mental; entre maio e junho de 2016, em uma Unidade Básica de Saúde, com 70 profissionais de saúde de nível fundamental, médio ou superior atuantes na unidade. Na unidade são ofertados aos usuários algumas PIC como: Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Plantas Mediciniais/Fitoterápicas, Meditação, Relaxamento e Trabalho Corporal.

Os resultados apresentados pelas autoras vem acompanhados de três tabelas, as quais tem por objetivo facilitar o entendimento do leitor sobre os

assuntos apresentados e trazem informações sobre questões predominantes aos profissionais da unidade, como sexo, idade, tempo de atuação na área, carga horária semanal, além de informações como conhecimentos acerca do termo PIC, no qual 76,8% dos profissionais afirmaram ter conhecimento. Traz ainda informações sobre o conhecimento das políticas apresentadas, sobre a aceitação do uso das práticas no SUS.

Já em Discussão, as autoras nos trazem que o estudo constatou que a prática mais conhecida e utilizada pelos profissionais, incluídas no PNPIC é a Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, entretanto, que o conhecimento insuficiente sobre o assunto pode levar a prejuízos na aplicabilidade das práticas, o que pode ser superado por meio de educação permanente na qualificação de profissionais atuantes no SUS. Apesar disso, foi identificado que poucos profissionais conhecem a PNPIC "o que é um paradoxo devido ao fato dos participantes serem trabalhadores do SUS, local onde é prevista a implantação e implementação dessa importante política pública, vigente desde 2006" e afirmam que "a introdução do tema PIC é essencial desde a graduação em Enfermagem".

Sendo assim, as autoras concluem que o estudo realizado mostra a relevância da reflexão sobre a implantação e implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, especialmente no âmbito de Atenção Básica. Conforme o artigo, foi expressivo o número de profissionais que afirmou não ter tido contato com o tema proposto durante a sua formação além de não ter tido cursos e capacitações sobre o tema. Reconhecem ainda como limitação do estudo, o fato de realizá-lo em apenas uma unidade de saúde.

Após leitura do artigo científico, pode-se perceber que o uso de Práticas Integrativas Complementares no âmbito da Atenção Básica, pode sim ser de grande auxílio na recuperação e promoção da saúde, não apenas em saúde mental, mas também pode aumentar a qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas. Apesar disso, poucos são os profissionais que possuem conhecimento sobre este assunto, uma vez que são poucas as universidades que contemplam tais práticas em suas matrizes

curriculares, não apenas no curso de enfermagem, mas também nos demais cursos da área da vida e saúde, como por exemplo, farmácia, medicina e fisioterapia.

Podemos concluir que a atuação da Enfermagem é de extrema importância para que possam ser implantadas de forma definitiva as práticas previstas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, não apenas na esfera da Atenção Primária, mas também na Atenção Secundária e Terciária.

Resenha crítica do artigo "A inclusão paterna durante o pré-natal"

Gabriéli Teixeira de Freitas

Gabriela Sofia Henz, Cássia Regina Gotler e Morgana Salvadori são autoras do artigo científico intitulado A inclusão paterna durante o pré-natal, publicado na Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde (REAS), p. 52 – 66, jan/jun 2017. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/2053>. Acesso em: 21 Mar. 2020.

Gabriela Sofia Henz é Enfermeira do hospital Bruno Born e graduada pelo Centro Universitário UNIVATES (Univastes), Lageado - RS. Cássia Regina Gotler Medeiros é Enfermeira, docente titular da Univates, Lageado – RS; Especialista em Saúde Pública, Administração de Recursos Humanos e Educação e Saúde; Mestre e Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Morgana Salvadori é Enfermeira pela Universidade do Vale do Taquari (Univastes); atua na área da saúde do idoso e na edição e formatação de artigos científicos; possui experiência no cuidado à pessoa vivendo com HIV/AIDS e em atendimento pré-hospitalar de baixa complexidade, além de organização de eventos.

O artigo científico A inclusão paterna durante o pré-natal é um estudo que evidencia a importância das relações paterno-afetivas, bem como a

visão de pais e enfermeiras que trabalham na área. Já no resumo a autora aponta sua proposta: investigar a participação paterna durante o período de pré-natal em um Centro de Atenção à Saúde da Mulher (p.52). Apresenta no resumo brevemente a metodologia e tece resultados obtidos e conclusão de seu estudo, os quais serão abordados mais adiante neste texto. O artigo científico possui quinze páginas, destas, duas são de referências. São oito as partes que compõem este artigo científico e sobre cada uma teceremos brevemente um comentário.

A introdução é escrita em quinze longos parágrafos, mas cada um com sua importância e relevância para o estudo. De forma muito clara e objetiva, as autoras apresentam a proposta do texto de verificar se os pais percebem a sua importância na participação durante o pré-natal, conhecer as dificuldades da participação paterna e investigar se o serviço de saúde incentiva e possui atividades específicas para esses pais.

Quanto ao método, trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, realizado no município de Lageado, no estado do Rio Grande do Sul. Contou com a participação de cinco pais e duas enfermeiras, as quais trabalhavam no Centro de Atenção à Saúde da Mulher.

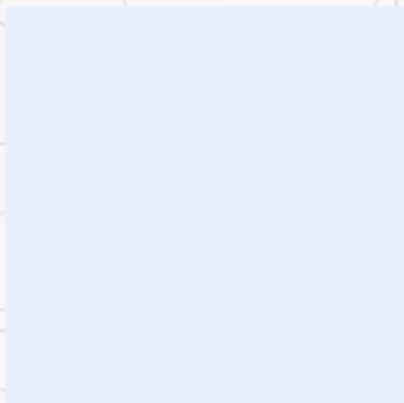
Os resultados são apresentados em subdivisões. Na subdivisão 1, intitulada “Percepção dos homens frente à paternidade” as autoras trazem que para os homens entrevistados, o seu papel durante o pré-natal é baseado em cuidados e, em acompanhamento, é o estar junto durante os momentos de dificuldade. Podemos observar na fala do (P5) e (P3) sucessivamente “Ajudar a gestante em tudo que ela precisar [...]” “O papel do pai durante a gravidez eu acho que é o acompanhamento... no pré-natal, ajudar no que for necessário [...]”. (p.58). Na seção 2, “Participação paterna no pré-natal” Henz, Medeiros e Salvadori apontam pontos positivos na participação paterna as consultas tanto para o homem quanto para a gestante, sendo elas: preparo emocional, segurança, maior proximidade e intensificação do relacionamento. (p.59). Apresentam também o principal fator da falta de participação da população masculina nas consultas, pois o

homem, culturalmente, possui o papel de provedor econômico, todavia, tem dificuldade de sair do trabalho para acompanhar a gestante.

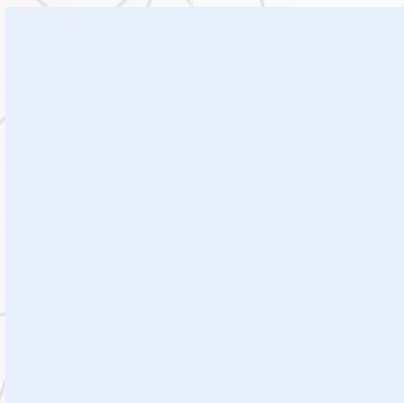
Em “Percepção dos enfermeiros sobre os benefícios da participação paterna” as entrevistadas (E1) e (E2), observam que há influência muito positiva quando o pai participa das atividades relacionadas à gestante. Os homens que se envolvem durante o processo de pré-natal, retornam à Unidade de Saúde, frequentemente, para trazerem seus filhos realizar as vacinas e consultas ao pediatra. E veem também como importante a mãe encorajar seu companheiro a participação ativa nas consultas de pré-natal. (p.62). Por último, mas não menos importante, “Ofertas do serviço de saúde aos pais”, as autoras observaram que, não havia atividades para os pais durante o pré-natal, somente para a gestante. O único momento destinado exclusivamente aos homens é a realização dos testes rápidos, mas que possuíam pouca adesão. (p.62). Bem como na seção 2, retomam que poucos pais acompanham suas mulheres no pré-natal, devido a questões trabalhistas. Nas considerações finais, última parte do artigo, as autoras redigem a participação paterna como algo complexo, pois, mesmo sendo estimulada, depende de questões culturais e familiares. Há a necessidade de as Unidades de Saúde promoverem ações e estratégias para estimularem a participação paterna, como a criação de políticas públicas que auxiliem e amparem esses pais. (p.64, 65).

Assim, compreende-se que é de suma importância que o genitor participe das consultas de pré-natal, bem como atividades voltadas para ele, como testes rápidos, trazendo benefícios não somente para ele próprio, mas para a gestante e o bebê. O homem hoje não é mero provedor financeiro, mas parte de uma família, na qual os cuidados e responsabilidades são divididos por igual. Faz-se necessário a ampliação de estudos voltados para o vínculo mãe-pai-filho, e sua divulgação, para que os pais se sintam acolhidos e fazendo parte desse processo, com voz ativa e participação.

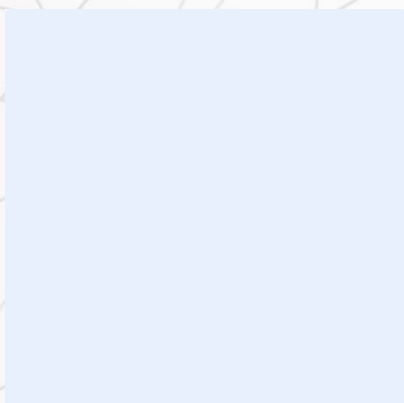
Imagens relacionadas



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte: